

Unificação espírita segundo Kardec, o modelo de unificação da Ciência e uma proposta de unificação para o movimento espírita

Alexandre Fontes da Fonseca¹

¹ Campinas, SP

e-mail: ¹ a.f.fonseca@bol.com.br

Recebido em 27 de Janeiro de 2023 e publicado em 09 de Março de 2023.

RESUMO

A união entre os espíritas é uma condição necessária para o progresso do espiritismo e sua divulgação com mais qualidade. Desde o início do espiritismo, a preocupação em *unir* ou *unificar* o movimento espírita esteve presente como uma das mais importantes metas a se cumprir. Aliás, Kardec já se preocupava com a união dos espíritas e o futuro do espiritismo.

No Brasil, onde o espiritismo floresceu e se estabeleceu ao longo do último século, embora os esforços para a *união* ou *unificação* dos espíritas, ela ainda não ocorreu de modo pleno. Em vista da importância da *união* entre os adeptos espíritas, este artigo se propõe a analisar a questão sob dois aspectos ainda pouco explorados pelo movimento espírita. Primeiro, reviso a proposta de Kardec para o futuro do espiritismo, destacando pontos relevantes à unificação dos adeptos. Segundo, em vista da sugestão de Kardec para a administração do espiritismo atuar de modo similar à Ciência, a forma como esta última é unificada é descrita e analisada. Em seguida, apresento um esboço de proposta de unificação espírita, com base em Kardec e na Ciência, para reflexão e uso em futuras tentativas de unificar o movimento espírita. O presente estudo analisa e enfatiza com base em Kardec, duas questões muito importantes em torno do tema: i) a importância de haver coerência doutrinária, isto é, a consciência de que não existirá unificação verdadeiramente *espírita* sem que os adeptos e grupos *aceitem* e *concordem* sobre os fundamentos *espíritas* estarem contidos na Doutrina Espírita; e ii) a importância de se valorizar a *qualidade* dessa *concordância* versus *quantidade* de instituições adesas ao órgão ou processo de *unificação*. Mostro, com base em Kardec, que a proposta de *união* ou *unificação* não deve ocorrer em torno de aspectos e qualidades morais de pessoas, grupos ou instituições, mas que a autoridade do órgão unificador deve ser, como afirmou Kardec, “*em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência*”.

PALAVRAS-CHAVE: União; unificação; unidade do espiritismo; fundamentos da doutrina espírita; Ciência.

COMO CITAR: A. F. da Fonseca, *JEE* 11, 010204 (2023). DOI: [10.22568/jee.v11.artn.010204](https://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010204).

COMO DIVULGAR: Compartilhe este link: <http://doi.org/10.22568/jee.v11.artn.010204>.



I INTRODUÇÃO

O ideal de união entre os espíritas sempre se baseou em seu aspecto fraternal. Afinal, como o próprio Kardec menciona no artigo “Os Tempos são Chegados” publicado na *Revista Espírita* (RE) de 1866, o espiritismo “*Não diz: Fora do Espiritismo não há salvação, mas, com o Cristo: Fora da caridade não há salvação, princípio de união, de tolerância, que congregará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas.*” (Kardec, 1866, grifos meus). Esse aspecto fraternal de união foi muito bem destacado por Perri de Carvalho (2010) que reuniu em um artigo os pensamentos do médium Francisco Cândido Xavier e dos Espíritos Emmanuel e Bezerra de Menezes sobre a importância da “união” e “unificação” entre os espíritas.

A existência de órgãos de unificação de âmbitos estadual, nacional e internacional com pensamentos, propostas e objetivos diferentes entre si, indica a existência

de conflitos em torno *do que é e como praticar* o espiritismo. Pesquisadores da história do movimento espírita no Brasil tem apontado e descrito eventos e conflitos que marcaram as tentativas de *unificação* dos espíritas no país.

Infelizmente, porém, depois de mais de 166 anos de espiritismo no mundo, a unificação do movimento espírita tem esbarrado em dificuldades de entendimento entre os espíritas, no tocante ao *que é* mais importante no espiritismo ou *como* praticá-lo. A obra recentemente publicada de Adair Ribeiro Jr. (2022), embora centrada na figura ainda pouco conhecida de Angeli Torteroli, apresenta uma detalhada revisão dos principais eventos e tentativas de unificação ocorridas desde o final do século XIX. A obra também esclarece as divergências entre dois grupos espíritas que ficaram conhecidos como “religiosos” ou “místicos” e os “científicos”. Ribeiro Jr. (2022) mostra, em sequência cronológica, como essa divergência *separou* mais que *uniu* os adeptos espíritas. Em um es-



tudo de teor mais acadêmico, a profa. de Sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Célia da Graça [Arriba \(2017\)](#) também apresenta um pouco da história do movimento de unificação espírita. Ela destaca que os espíritas do século findo “*abraçavam visões distintas e por vezes conflitantes sobre o que entendiam ser espiritismo*”. Ela também destaca que, na visão dela, o movimento espírita sentia que precisava “*se definir*” e, para isso, criou periódicos e realizou uma série de encontros e congressos espíritas para difusão e divulgação de ideias. [Arriba \(2017\)](#) propõe que as tensões entre os espíritas que pensavam diferente decorreram do fato do espiritismo ter um caráter tríplice, isto é, ele se apresenta como religião, filosofia e ciência. Na visão da pesquisadora,

Essa tríplice face [do espiritismo] ensejaria a que certos grupos sociais e intelectuais, uns mais afeitos do que outros a uma das faces em razão de suas trajetórias sociais, capitais amealhados, *habitus* e decorrentes capacidades de compreensão e vivência religiosa, se esbatessem constantemente pelo tipo de autoridade específico a que o espiritismo faria jus, de acordo com suas visões ideais, corporificando-as em instituições às suas imagens e semelhanças. ([Arriba, 2017](#), grifo no original).

O que [Arriba \(2017\)](#) expõe acima, de certa forma é corroborado pela descrição histórica das divergências entre “religiosos” e “científicos” feita por [Ribeiro Jr. \(2022\)](#). Importante observar nesses estudos que instituições de abrangências diferentes, nacionais, estaduais e internacionais, foram formadas com papéis, interesses e objetivos distintos na questão da unificação, talvez pelas razões expostas por [Arriba \(2017\)](#). Exemplos de instituições unificadoras conhecidas são a Federação Espírita Brasileira (FEB), a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), e a Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA). Alguns estados possuem mais de um órgão de unificação. Embora se respeitem fraternalmente, essas instituições ou órgãos de unificação divergem em alguns de seus posicionamentos doutrinários.

Em 1949, foi assinado e publicado o chamado “pacto áureo” ([FEB, 2019](#))¹, considerado a concretização da formalização da unificação da família espírita brasileira ([Borges, 2020](#)). O pacto propôs a criação de um Conselho Federativo Nacional (CFN) que teria autoridade de deliberação sobre questões de interesse do espiritismo e da comunidade espírita. O CFN seria formado por representantes dos órgãos de unificação estaduais. [Perri de Carvalho \(2018\)](#) conta em detalhes o histórico de formação do pacto áureo, suas características, seus “prós” e “contras”, bem como suas consequências. Após descrição e análise histórica do pacto, pelo conhecimento e experiência como diretor da FEB, [Perri de Carvalho \(2018\)](#) conclui que “*O “Pacto Áureo” é um importante referencial histórico, mas não é mais aplicável na atualidade.*” Como [Perri de Carvalho \(2018\)](#) também faz reflexões e sugestões sobre o conceito de “união” e “unificação”, ele será citado mais adiante.

Não é intenção, aqui, julgar algum dos lados, entre “religiosos” e “científicos”, ou analisar os méritos dos esforços atuais de unificação dessas e de outras Instituições. As fontes ([Arriba, 2017](#); [Perri de Carvalho, 2018](#); [Ribeiro Jr., 2022](#)), além de outras, são recomendadas a quem tiver interesse em uma visão geral dos aspectos históricos, pessoais e institucionais em torno do assunto. Cada lado tinha/tem seus pontos de vista sobre o que é importante na Doutrina Espírita (DE), e cada lado tentou/tenta unificar os adeptos espíritas com a melhor das intenções. Isso, por si, é um passo ou ingrediente importante pois que sem sentimento e intenções fraternas não pode haver “união”. O que um estudo mais atento das orientações de Kardec sobre “união” e “unificação” e de como instituições bem estabelecidas como a Ciência trabalham essa questão mostram é que é preciso mais que o sentimento fraterno para, de fato, “unificar” a família espírita.

O propósito deste estudo é destacar e analisar as sugestões e recomendações de Kardec de “união” e “unificação” dos espíritas e comparar com a forma como a ciência trabalha essa mesma questão. A intenção é propor reflexões que possam ajudar o movimento espírita a diminuir “barreiras” e “distâncias” entre os grupos espíritas que pensam diferente, atraindo-os em torno do que, de fato, seja digno de valorização por todo aquele que se considera espírita, sem a necessidade de imposições e sem nenhum prejuízo à liberdade de pensamento individual.

O presente artigo está organizado da seguinte forma. Na seção II, citações dos pensamentos de Kardec sobre “união” e “unificação”, bem como suas preocupações sobre o futuro do espiritismo, são apresentadas e discutidas. Algumas concepções em torno do significado de “união” serão analisadas conforme definido por Kardec. Na seção III, a forma como a ciência é unida ou unificada, embora a diversidade de opiniões, teses, ideologias presentes nos meios acadêmicos, será exposta para comparação, fundamentação e entendimento de todas as sugestões de Kardec. Na seção IV, um esboço inicial de proposta de unificação espírita com base em Kardec e na Ciência é apresentada para apreciação e reflexões do movimento espírita. Por fim, na seção V, um resumo das principais conclusões é apresentado.

II O PENSAMENTO DE KARDEC SOBRE “UNIÃO” E “UNIFICAÇÃO”

Em 1862, Kardec foi interpelado por um leitor da RE sobre a forma ríspida e, aparentemente não caridosa, pela qual um Espírito recomendou que não se admita nas reuniões espíritas, pessoas que ele apelidou de “*ovelhas sarnentas*”. O leitor escreve a Kardec comentando que achou descaridosa essa forma de se referir a certas pessoas, e pedia a sua opinião. Em artigo publicado na RE de junho de 1862, [Kardec](#) analisa a comunicação que, em essência, toca na questão da “união” de um grupo e uma das condições para atingi-la. Kardec esclarece que

¹Reprodução do original do pacto áureo assinado neste [link](#), acessado em 19-01-2023.



o termo “*ovelha sarnenta*” se referia a pessoas que participavam das reuniões com ideias preconcebidas de oposição sistemática, analisa a importância de se selecionar os participantes de uma reunião e conclui orientando o seu interpelador da seguinte forma:

No momento nós nos limitamos a dizer: **Sem homogeneidade, não há união simpática entre os membros**, não há relações afetuosas; sem união, não há estabilidade; sem estabilidade, não há calma; sem calma, não há trabalhos sérios. De onde concluímos que **a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita**. (Grifos meus).

Vê-se, portanto, que o ideal de união e unificação dos espíritas é uma preocupação que vem da época de Kardec. No início do seu artigo “Constituição Transitória do Espiritismo”, publicado na *Revista Espírita* (RE) de dezembro de 1868, a respeito do início e do desenvolvimento do espiritismo, Kardec (1868) comenta que

Da incerteza sobre pontos ainda não determinados haviam forçosamente de nascer divergências sobre a maneira de os considerar; a **unificação** tinha que ser obra do tempo e **se efetuou** gradualmente **à medida que os princípios se foram elucidando**. (Grifos meus).

Vê-se, da afirmação acima, que foi importante primeiro estabelecerem-se os fundamentos da DE, para só então trabalhar e verificar a questão da “unificação”. Como será melhor entendido adiante, a “unificação” dos espíritas só ocorrerá se houver *acordo* ou *concordância* em torno dos princípios fundamentais da DE.

A seguir, nesta seção, serão descritas as condições que Kardec apresenta para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do espiritismo (Kardec, 1868); as ressalvas que faz em torno do papel e autoridade do grupo, órgão, comissão central (termo definido por Kardec) ou conselho de unificação (termo usado na atualidade); a importância de haver *acordo* ou *concordância* sobre os fundamentos do espiritismo entre aqueles que unir-se-ão; e a questão da *qualidade* desse *acordo* como sendo mais importante que a *quantidade* de pessoas, grupos ou instituições adequadas ao órgão, comissão central ou conselho de unificação.

II.1 Condições para *assegurar-se, no futuro, a unidade* do espiritismo segundo Kardec

No referido artigo da RE de dezembro de 1868, Kardec (1868) expõe suas preocupações com o futuro do espiritismo e elabora um “*plano de organização*” através do qual propõe a criação de uma “*comissão central*” para administrar e representar a DE perante os interesses *espíritas*² da comunidade de adeptos espíritas. Preocupado com “*cismas*” que poderiam surgir no movimento espírita e emperrar o progresso do espiritismo, Kardec faz sugestões de *quem* e *como* a liderança espírita deveria ser e

atuar. Kardec (1868), no referido artigo, apresenta três razões ou condições necessárias para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do Espiritismo:

1. CLAREZA. Nas suas palavras: “*que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa*”. A importância desse item é óbvia. Sem clareza nos fundamentos do espiritismo, não há como interpretá-los, entendê-los e distingui-los de conceitos de outras doutrinas. E sem entender os fundamentos do espiritismo, não há como “unir” ou “unificar” atividades e demais esforços em torno do espiritismo, pois não se saberá o que o caracteriza.
2. NÃO SAIR DAS IDEIAS PRÁTICAS. Nas suas palavras: “*Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos*”. A importância desse item decorre do caráter científico do espiritismo. Embora ele defenda o item 3 abaixo que implica na aceitação de novas descobertas, o espiritismo não é leviano a ponto de aceitar novidades apenas por *parecerem* boas, ou por *autoridade* moral ou intelectual de quem a apresenta.
3. CARÁTER PROGRESSIVO DA DOCTRINA. Nas suas palavras: “*Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias de sua perpetuidade.*” A importância desse item também decorre do caráter científico do espiritismo. O espiritismo mostra que a existência e sobrevivência da alma, bem como suas relações com o mundo corporal, são fenômenos *naturais*, assim como os fenômenos estudados pela ciência são naturais. Assim, da mesma forma que a ciência nunca considera sua palavra como a última sobre seus objetos de estudo, ele, o espiritismo, também não se considera a verdade final sobre os fenômenos que estuda. Como consequência, da mesma forma como a ciência, o espiritismo deve avançar em termos de conhecimentos e novas descobertas. Ou seja, esse trabalho de avanço, em sendo feito de modo sério e seguro, também faz parte dos objetivos do espiritismo e deve fazer parte dos planos de “união” e “unificação” espíritas.

²O adjetivo *espírita* foi destacado aqui para enfatizar que o papel da comissão central é trabalhar interesses *espíritas* e não interesses distintos, particulares ou não, dos grupos que sejam representados por ela. Ao longo do texto, ver-se-á que embora grupos distintos possam ter interesses particulares incoerentes com a DE, em desejando unir-se aos espíritas, poderão fazê-lo sem prejuízo de seus interesses, porém igualmente sem prejuízos do caráter *espírita* daquilo que é, de fato, interesse da coletividade espírita.



Essas condições, portanto, foram consideradas por Kardec como **fundamentais** para “assegurar-se, no futuro, a unidade” do espiritismo (Kardec, 1868). Qualquer plano de “união” ou “unificação” que não inclua algum desses itens estará, de acordo com Kardec, incompleto. Além de não atender a todas as demandas previstas por Kardec para o futuro do movimento espírita, um plano de “unificação” sem algum desses itens não irá atrair **todos** os espíritas. Adiante, na seção IV, a título de exemplo, cito uma comunicação mediúmica de um Espírito muito respeitado pelo movimento espírita, cujas palavras reforçam a importância de se atender essas três condições de Kardec para o sucesso de um processo de unificação. A seguir, vamos analisar esses itens.

Entende-se bem os itens 1 e 2 acima que remetem ao entendimento e à segurança em torno dos princípios fundamentais do espiritismo, respectivamente. Porém, alguns adeptos espíritas podem pensar que o item 3 pode trazer conflitos com os dois primeiros. Afinal, conhecimentos novos não são necessariamente consequências dos conhecimentos vigentes, fora o problema da clareza em apresentá-los. Para compreender porque Kardec incluiu esse item, analisaremos a forma como a Ciência trabalha o seu aspecto de “unificação”. A Ciência se desenvolve trazendo novas descobertas sem prejuízo aos fundamentos de cada área do conhecimento. Isso se dá porque ela trabalha *de forma segura* que, em termos dos itens acima, significa observar atenta e rigorosamente os itens 1 e 2 quando trabalhar o item 3. Detalhes sobre isso serão descritos na seção III. O importante aqui é ter consciência de que, da mesma forma como o item 3 beneficia a Ciência e a Sociedade, o item 3 também trará progresso e benefícios ao espiritismo e sua comunidade de adeptos. Esses benefícios não significam apenas atender os interesses de quem tem prazer em trabalhar o aspecto científico do espiritismo. Um dos principais benefícios de atividades que contemplem o item 3, é assegurar que a prática e vivência dos ensinamentos considerados *espíritas* satisfaçam de modo pleno a recomendação de fé raciocinada da DE. O que os adeptos espíritas precisarão estudar e entender é a *forma segura* de trabalhar a pesquisa espírita, não se preocupando em trazer métodos de outras áreas da Ciência para as pesquisas espíritas para legitimá-las como científicas ou acadêmicas, mas aplicando com conhecimento e rigor, os métodos definidos pela própria ciência espírita. Não que seja proibido utilizar métodos de uma área na pesquisa em outra área. Mas isso não é pré-requisito para que uma área seja científica, ou realize pesquisas de qualidade científica. Para quem não sabe, os critérios e métodos de uma área da Ciência são definidos pela própria área da Ciência. Esse detalhe é importantíssimo na realização do item 3 no espiritismo.

Com base nas três condições acima, Kardec apresenta, então, **seu plano de organização para o movimento espírita vindouro**. Após mostrar a inconveniência do espiritismo ter um chefe único, isto é, ter uma única pessoa como líder ou chefe do espiritismo, Kardec propõe a criação de uma “comissão central” ou “superior” que, segundo ele, “*será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe*

do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembléia-geral.” Kardec sugere o número de 12 membros e mostra as vantagens de se formar uma comissão para evitar os problemas comuns inerentes à condição humana ainda imperfeita moralmente. Ele faz, entretanto, duas ressalvas sobre a autoridade da comissão central perante os adeptos espíritas (Kardec, 1868):

Ressalva 1) “*Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios morais da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer.*” (Grifos meus).

Ressalva 2) “*Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência.*” (Grifos meus).

As ressalvas acima são de enorme importância para um projeto de “união” ou “unificação” espírita. A **Ressalva 1)** deixa claro que o papel da liderança espírita representada pela comissão central não envolve *disciplinar* pessoas ou grupos. O papel de um órgão de unificação não poderá ser, portanto, determinar, fiscalizar ou julgar o que pessoas, grupos ou instituições espíritas devem ou não fazer. A autoridade da comissão, como proposta por Kardec, será a de interpretação e atuação na aplicação dos princípios morais da DE. No mesmo artigo da RE, Kardec (1868) enumera as funções específicas da comissão que representará o espiritismo. Elas não serão reproduzidas aqui, mas recomenda-se a sua leitura para tomar conhecimento dos itens de atividades de “unificação” sugeridos por Kardec.

A **Ressalva 2)** diz respeito ao *tipo* de autoridade que a comissão terá perante a comunidade de adeptos espíritas. Kardec propõe que essa autoridade seja similar à que existe em uma academia de ciências. Na seção III, descrevo como a ciência, na atualidade, trabalha a sua “união” ou “unificação”, com destaque para a questão da *autoridade* daquilo que é descoberto cientificamente e o valor relativo dos seus próprios trabalhos de pesquisa. Veremos o que pode ser aproveitado disso no meio espírita. Na seção IV, apresento um esboço inicial de proposta de unificação do movimento espírita com base nas recomendações de Kardec e no modelo de unificação da Ciência. Importante comentar aqui que não se pode ter autoridade *em matéria de Ciência* sem conhecer a fundo e sem *concordar com* os fundamentos da mesma. Ou seja, a comissão central requer que seus membros sejam espíritas e tenham bom conhecimento dos conceitos e fundamentos da DE.

II.2 A importância dos membros da comissão central, conselho ou órgão de unificação sejam acordes no tocante aos princípios fundamentais do espiritismo

Como assegurar o respeito dos adeptos espíritas ao que a comissão central ponderar, decidir e propor em



nome do espiritismo? No item V do referido artigo da RE, Kardec (1868) lembra que as pessoas costumam acatar com menos resistências e dificuldades, a opinião que é comum a muitos, em comparação à aceitação de uma opinião individual. Por isso, a proposta de uma comissão formada por 12 pessoas é melhor do que a existência de *um chefe único* do espiritismo. A questão que se segue a essa, e que Kardec também analisa e propõe uma solução, é a das *concordâncias* ou *discordâncias* de entendimento e interpretação doutrinárias entre os próprios membros da comissão central. Se tivermos 12 pessoas que pensam diferente entre si, a comissão não conseguirá atingir seus objetivos. Kardec (1868) assim resume o problema: “*a dificuldade, dirão, consistirá em reunir, de modo permanente, doze pessoas que estejam sempre de acordo.*” Para isso, ele apresenta a seguinte solução:

O essencial é que **sejam acordos no tocante aos princípios fundamentais.** (Grifos meus).

O essencial, isto é, o mais importante, é que os membros da comissão (ou do grupo que centralize ou represente a unificação dos adeptos espíritas) estejam de acordo “**no tocante aos princípios fundamentais**” da DE. O acordo não é para ocorrer com relação a alguma obra específica, espírita ou não, de origem mediúnica ou não. Para Kardec, a aceitação e a concordância dos princípios fundamentais do espiritismo por parte dos participantes da comissão central ou conselho de unificação é **condição necessária e extremamente importante** para a eficiência da mesma. Nas palavras do próprio Kardec (1868):

Ora, isso [o acordo no tocante aos princípios fundamentais da Doutrina] constituirá uma **condição absoluta** para que sejam **admitidas à direção**, como para **a de todos os que desta hajam de participar.** (Grifos meus).

Ou seja, Kardec deixa claro que os membros da *comissão central* (ou em termos dos interesses de “unificação” atuais, do *órgão* ou *conselho de unificação*) devem, como *condição absoluta* para participarem do mesmo, estar de acordo com os princípios fundamentais da DE.

É oportuno trazer para a presente análise os significados das palavras “união” e “unificação”. No dicionário na *internet*, “unir”³ significa, dentre outros, “*aproximar(-se)*”, “*juntar(-se)*”, “*aderir*”, etc. “Unificar” tem os seguintes significados⁴: “*reunir(-se) ou transformar(-se) em uma unidade ou em um todo coerente*” e “*tornar(-se) uniforme, semelhante.*” Percebe-se já na descrição dos significados das palavras acima que o ideal de “união” e “unificação” não significa apenas a “reunião” material de pessoas ou grupos, mas a formação de um grupo que tenha uma “*unidade*” e um “*todo coerente*”. No caso do espiritismo, esse “*todo coerente*” é com relação à DE. Em outras palavras, não se pode ter um trabalho de “unificação” espírita sem coerência doutrinária. Aliás, abrindo-se um parênteses, o significado de

“coerência” tem muito a ver com o de “unificação”. Milani (2018), por exemplo, esclareceu que pela sua origem latina, “*a palavra coerência significa conexão ou coesão.*” Disso vê-se que as palavras “união”, “unificação” e “coerência” tem significados em comum. Milani (2018) destaca, também, a visão de Sócrates que dizia que um filósofo de verdade é, “*sobretudo, aquele que sabe viver e morrer em concordância com o seu sistema.*” Saberiam os espíritas viver e morrer em concordância com a DE? Uma unificação verdadeira entre os espíritas depende disso.

Portanto, com base nas definições das palavras, percebe-se que não pode existir “união” ou “unificação” entre grupos que tenham apenas pontos divergentes entre si, ou que apenas se interessam em trabalhar tais pontos. Dizendo de outra forma para esclarecer melhor, é importante perceber que pessoas diferentes até podem se unir, mas desde que seja em torno de *um ou mais pontos em comum*. Como veremos adiante, com base em Kardec e na Ciência, essa é uma das chaves para a realização de um bom trabalho de unificação espírita.

Abaixo e na subseção seguinte, serão apresentadas mais citações e explicações de Kardec que reforçam a importância da “união” e “unificação” do movimento espírita ocorrerem com base no *acordo* ou *concordância* dos membros sobre os fundamentos da DE. Essas explicações de Kardec incluem algo que pode parecer contraditório, mas que tem importância, como conciliar a *concordância* acima com as diferenças nas opiniões, crenças e tendências espirituais das pessoas e grupos espíritas.

No item 14 do capítulo I de *O Céu e o Inferno*, ao analisar a questão da crença apenas na vida futura, Kardec (2000) diz:

A Doutrina Espírita sobre o futuro – não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista – congraçará, como já está acontecendo, as opiniões divergentes ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, **a unidade de crenças sobre esse ponto**, não já baseada em simples hipótese, **mas na certeza.** *A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.* (Kardec, 2000, item 14 do cap. I, grifos em itálico originais e, em negrito, meus).

As palavras acima são significativas. Nelas, Kardec ressalta que, sobre a questão do futuro ou da vida futura, o espiritismo contribuirá para a “*unidade de crenças*”. “Unidade de crenças” significa “concordância” ou “acordo” sobre o ponto em questão. Ao dizer que “*A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos*”, ele ressalta que o “acordo” ou a “concordância” sobre “*a sorte futura das almas*” será o “*ponto de contacto dos diversos cultos*”, isto é, o ponto de “união” entre eles.

³Ver este [link](#).

⁴Ver este [link](#).



Trazendo para o nosso estudo, a “unificação” só ocorrerá se houver *acordo* ou *concordância* em algum(ns) ponto(s). Esse *acordo* será o *ponto de contato* entre os grupos espíritas. Os *diversos* grupos e instituições espíritas não deixarão de ser, no primeiro momento, diversos ou diferentes em muitas das suas particularidades. Assim como cultos diferentes se “unirão” com relação à questão da sorte futura das almas, grupos espíritas, mesmo os diferentes, se “unirão” ou estarão “*unificados*” na medida em que *concordarem* com certos *pontos em comum* que, no nosso caso, são os princípios fundamentais da DE.

II.3 A importância da *qualidade* da *concordância* com a DE em detrimento da *quantidade* de instituições adesas ao movimento de unificação

Há quem pense que seja importante ter o maior número possível de pessoas, grupos ou instituições *unificados* em torno do ideal espírita. Sem dúvida, essa ideia é nobre e citações como a que foi feita no final da subseção II.2, consideram que no futuro, a humanidade inteira terá crenças iguais em torno dos fenômenos naturais, incluindo os espirituais. Porém, em nome desse ideal, há quem pense que ter mais pessoas, grupos ou instituições adesas aos órgãos de unificação é mais importante que a *concordância* dos mesmos com os princípios fundamentais do espiritismo. Esse pensamento não concorda com o de Kardec. Como vimos acima, para Kardec, o acordo no tocante aos princípios fundamentais da Doutrina é “*uma condição absoluta para que sejam admitidas à direção, como para a de todos os que desta hajam de participar*” (Kardec, 1868, grifos meus) da comissão, conselho ou órgão unificado. Para mostrar que a importância da *qualidade* na *concordância* em torno de fundamentos e não *quantidade* de grupos adesos não é ideia puramente doutrinária, vejamos, a seguir, um argumento de natureza moral sobre essa mesma ideia. No capítulo XXVIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ao analisar a afirmação de Jesus de que “*Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei*” (S. MATEUS, 18:20), Kardec (1996) faz as seguintes observações:

Estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, **não quer dizer que basta se acharem materialmente juntas**. É preciso que o estejam espiritualmente, **em comunhão de intentos e de idéias**, para o bem. (Grifos meus).

Só no trecho acima, vê-se duas ideias importantes: i) não basta a “união” material, entre os que vão orar juntos; e que deve haver ii) *acordo* ou *concordância* de intenções e ideias. Kardec esclarece mais:

Dizendo as palavras acima transcritas, quis Jesus revelar o efeito da **união** e da fraternidade. **O que o atrai não é o maior ou menor número** de pessoas que se reúnam, [...], mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que elas sejam duas. Contudo, se essas duas pessoas oram

cada uma por seu lado, embora dirigindo-se ambas a Jesus, **não há entre elas comunhão de pensamentos**, sobretudo se ali não estão sob o influxo de um sentimento de mútua benevolência. [...]

Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, **mas a comunhão de pensamentos**, em **concordância** com o espírito de caridade que ele personifica. (Grifos em negrito, meus).

As explicações de Kardec são bastante claras. O que atrai Jesus não é a *quantidade* de pessoas que se juntam a orar. Mas a *qualidade*, a *união* e a *concordância* dos seus pensamentos. O número de pessoas, grupos ou instituições que se tornam adesas ao movimento de “unificação” nunca será o fator mais importante. Jesus estará no meio delas se, mesmo sendo poucas, estejam “unidas” pela *concordância* com os fundamentos da DE. Além disso, não basta haver “*simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores*” para haver, de fato, “união” ou “unificação”. Em outras palavras, não bastam atos exteriores, presenças físicas, documentos em papel, pactos assinados, participações em encontros e congressos nos quais sejam ditas palavras de união, para que haja, de fato, “união” ou “unificação” espírita. É preciso haver “*comunhão de intentos e de idéias*” e “*de pensamentos*”, para haver “união” real entre pessoas, grupos ou instituições espíritas em qualquer atividade que façam em comum. Assim como para ter a presença de Jesus junto a um grupo, não é necessário ter *quantidade* de pessoas, mas sim *qualidade* na *comunhão de pensamentos*, o mesmo se dá no trabalho de *unificação* do meio espírita: ele deve ser centrado em torno dos fundamentos do espiritismo, e não na busca por número ou tipos de pessoas, grupos ou instituições.

De modo a perceber o pensamento de Kardec sobre a importância da “união” ou “unificação” girar em torno de *pontos em comum* dos grupos a se unirem, vejamos alguns trechos dos seus comentários sobre outra passagem de Jesus sobre o tema *união* contida no versículo 16 do Evangelho de João: “*haverá um só rebanho e um único pastor.*” Kardec (2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*) comenta:

Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que os homens, um dia, se unirão em uma crença única; mas como poderá ser feita essa unificação? Difícil parecerá isso, tendo em vista as diferenças que existem entre as religiões, [...]. Todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se fará a seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão em suas crenças.

Entretanto, **a unidade se fará em religião**, como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, [...]. Ela se fará pela força das coisas, porque se tornará uma necessidade para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; **ela se fará pelo desenvolvimento da razão humana**, que se tornará apta a compreender a puerilidade dessas dis-



sidências; **pelo progresso das ciências que demonstrará**, cada dia mais, **os erros materiais sobre os quais se apoia**, [...]. Se a ciência demoliu nas religiões, o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da natureza, ela não pode destruir, apesar da opinião de alguns, o que é obra de Deus e da eterna verdade. **Afastando o que é acessório, ela prepara os caminhos para a unidade.** (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*, grifos meus).

Vemos aqui que Kardec mantém um pensamento positivo com relação à ideia de união entre as religiões, e destaca, em particular, o papel da Ciência quando diz que ela permite mostrar “*os erros materiais sobre os quais [a religião] se apoia*”, e porque “*afastando o que é acessório, ela [a Ciência] prepara os caminhos para a unidade.*” Ou seja, Kardec destaca que o trabalho da Ciência leva à “*unidade*”, à “*união*” entre grupos religiosos. Essa é uma ideia que o movimento espírita nunca analisou e é uma das razões para a proposta desse estudo em comparar o que Kardec sugere para “*unificação*” dos espíritas com o que a Ciência pratica na atualidade. Sem contar o que Kardec disse explicitamente na [Ressalva 2](#)), essa é, também, uma razão para o item 3 das condições sugeridas por Kardec para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do espiritismo (Kardec, 1868) (ver subseção II.1). Kardec (2021), no mesmo item acima citado de *A Gênese*, arre-mata:

A fim de **chegarem à unidade**, as religiões terão que se encontrar em um terreno neutro, **que seja comum a todas**; para isso, todas **terão que fazer concessões e sacrifícios**, maiores ou menores, conforme a multiplicidade de seus dogmas particulares. (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*, grifos meus).

Nesse trecho, Kardec deixa claro mais dois pontos importantes para o trabalho de “*unificação*” espírita. 1º que não se chega à “*unidade*” ou à “*união*” sem encontrar “*um terreno neutro*”, isto é, “*que seja comum a todas*”. Mais uma vez, Kardec ressalta a importância da “*união*” existir em torno de *pontos em comum* ou em *acordo*. No caso da unificação espírita, os *pontos em comum* ou em *acordo* são os fundamentos da DE. O 2º ponto é a sugestão que Kardec faz para conciliar as diferenças entre as pessoas, grupos e instituições e o ideal de unificação. Isso será analisado na subseção seguinte.

II.4 Como, segundo Kardec, unir pessoas, grupos e instituições diferentes?

O ponto chave para conciliar a importância de haver *acordo* ou *concordância* nos fundamentos da DE e *unificar* pessoas, grupos ou instituições espíritas diferentes, incluindo até mesmo aquelas que possuem e adotam pensamentos e práticas particulares incoerentes com a DE, é considerar o que Kardec disse no último trecho citado na subseção II.3. Esse ponto está nas seguintes palavras de Kardec: “*as religiões [...] terão que fazer concessões e sacrifícios*” para se atingir a unificação.

O que isso significa? Isso significa que pessoas, grupos e instituições espíritas que possuem, como Kardec comentou, “*seus dogmas particulares*”, devem “*sacrificá-los*” (os dogmas particulares) quando participarem das atividades em comum com o grupo ou órgão unificado. Isto é, mesmo que essas pessoas, grupos e instituições espíritas mantenham “*seus dogmas particulares*” em âmbito próprio e pessoal, elas devem *aceitar* e *concordar com* os pontos fundamentais da DE. Essa é uma maneira de “*unificar*” pessoas ou grupos diferentes. Por “*dogmas particulares*” não se deve entender apenas conceitos religiosos mas princípios normativos ou preceitos aceitos pela pessoa ou grupo, e que se distinguem ou mesmo contraditam os fundamentos da DE.

Um exemplo cotidiano pode ajudar no entendimento dessa ideia. Considere uma classe de estudantes do ensino médio. Em geral, em uma turma de estudantes, há aqueles que são mais estudiosos, tem mais facilidade com determinadas matérias escolares, alguns praticam e são bons nos esportes, outros tem predileção por determinado tipo de música, ou *hobby*. Mas, no momento em que participam de uma aula de Geografia, por exemplo, todos os estudantes ouvem, assistem, raciocinam e aprendem os mesmos conceitos dessa matéria escolar. No momento da aula, todos estão “*unificados*” em torno do estudo do tópico de Geografia apresentado pelo professor. Os estudantes são pessoas diferentes, com gostos e interesses bem diferentes. Mas no momento da aula, todos, de pleno *acordo* e vontade, acompanham a mesma atividade e aprendem o mesmo conteúdo. Mesmo que o aproveitamento individual seja diferente entre os estudantes, há entre eles no momento da aula, uma “*união*” e “*unificação*” em torno do estudo. Suponha que alguns estudantes resolvam estudar juntos para a prova de Geografia. Mesmo sendo estudantes diferentes, com gostos diferentes, no momento em que se “*reunirem*” para o estudo do “*ponto em comum*” que é a matéria da prova de Geografia, eles não irão cada um expor seus pensamentos e interesses pessoais, opiniões e relatos de práticas que não tem a ver com o estudo de Geografia. Eles irão estudar juntos o mesmo assunto focados no mesmo objetivo de se prepararem para as provas. Suponha que eles tem que fazer um trabalho de pesquisa em grupo. Na hora de se *reunirem* para fazer a pesquisa e o trabalho, o pensamento será em torno dos *pontos em comum* ao estudo que devem realizar. Fora dali cada um é livre para fazer o que bem entende. Os grupos espíritas poderiam se “*unir*” ou “*unificar*” da mesma forma: todos de acordo com os fundamentos da DE e realizando juntos práticas e estudos com base nela, sem prejuízo de suas particularidades, de seus “*dogmas particulares*.”

Outro exemplo relevante para o entendimento sobre como conciliar diferenças com a manutenção do *acordo* com os fundamentos do espiritismo, é o cuidado que Kardec tinha com a admissão de novos membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE). No Boletim da SPEE publicado em dezembro de 1859, com relação à reunião ocorrida no dia 7 de outubro de 1859, e sobre a admissão de novos membros à SPEE, vemos o



seguinte comentário a respeito do discurso do Sr. Presidente da sessão:

O Sr. Presidente observou, a respeito dos novos membros apresentados, que é muito importante para a **Sociedade assegurar-se** das suas disposições. **Não basta, disse ele, que sejam partidários do Espiritismo em geral; é necessário, também, que simpatizem com a sua maneira de ver.** A **homogeneidade** dos princípios é condição sem a qual uma sociedade qualquer não poderá ter validade. [...].

A Sociedade **não visa absolutamente ao aumento indefinido de seus membros**; quer, acima de tudo, prosseguir seus trabalhos com calma e recolhimento, razão por que deve evitar tudo quanto possa perturbá-la. Sendo seu objetivo o estudo da ciência, é evidente que **cada um é perfeitamente livre para discutir os pontos controversos e emitir sua opinião pessoal.** Outra coisa, porém, é dar conselhos ou chegar com idéias sistemáticas e preconcebidas, **em oposição às bases fundamentais.** (Kardec, 1859, grifos meus).

Acima vemos algumas das ideias já comentadas anteriormente. Vemos a preocupação em assegurar os objetivos da Sociedade e que, para isso, ela não se preocupa com “*aumento indefinido*” de novos membros, isto é, não se preocupa com *quantidade* de membros. As condições para serem aceitos novos membros não se resumem a, apenas, “*ser partidário*” da DE, mas sim de “*simpatizarem*” com suas propostas e interpretações, isto é, “*concordarem*” com ela. O trecho acima esclarece sobre um ponto ainda não analisado a respeito de divergências de opinião. A *concordância* com os fundamentos da DE não significa que os adeptos devam concordar sempre entre si a respeito de tudo. Os membros podem “*discutir os pontos controversos*” e “*emitir sua opinião pessoal*”. O que não devem fazer é expor ideias e conselhos “*em oposição às bases fundamentais*” da DE. Isso é um exemplo de “*fazer concessões e sacrifícios*” como explicitado por Kardec no item 32 do cap. XVII de *A Gênese*. Isto é, mesmo que algum membro do grupo tenha “*seus dogmas particulares*” (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*), eles devem se calar sobre eles nos momentos de estudos e atividades em comum aos grupos espíritas. No referido Boletim da SPEE, Kardec ainda destaca a relação entre a forma de admissão de novos membros e a questão da “*união*” do grupo:

Devemos, aliás, reportar-nos aos conselhos que nos foram dados em muitas ocasiões pelos Espíritos que nos assistem, e que incessantemente **nos recomendam a união como condição essencial** para alcançar o objetivo a que nos propomos e obter o seu concurso. “A união faz a força”, dizem-nos eles. De outro modo correremos o risco de atrair os Espíritos levianos, que nos enganarão. **É por isso que nunca dispensaríamos demasiada atenção aos elementos que introduzimos em nosso meio.** (Kardec, 1859, Grifos meus).

Acima, portanto, vemos que a *união* dos membros da SPEE não prescindiu da exigência de *acordo* ou *concordância* dos mesmos aos princípios e fundamentos da DE.

Vejam o destaque dado aos cuidados na admissão de novos membros para que em nome da “*união*”, não sejam atraídos “*Espíritos levianos*” que “*enganarão*” as pessoas de boa vontade.

Voltemos ao artigo “Constituição Transitória do Espiritismo” (Kardec, 1868) e, em particular, às conclusões, onde ao falar sobre a aceitação futura dos princípios do Espiritismo, Kardec diz:

... mas pretender que o Espiritismo em toda parte seja organizado da mesma maneira, que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a **um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder, que deverão esperar a luz de um ponto fixo**, para o qual deverão fixar o olhar, **seria uma utopia tão absurda** quanto pretender que todos os povos da Terra um dia não formem senão uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetidas aos mesmos costumes. (Grifos meus).

Em seguida diz,

Assim será com o Espiritismo organizado. **Os espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns**, que **os ligarão** à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas **cuja aplicação poderá variar** conforme as regiões, **sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental**, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. (Grifos meus).

Os destaques grifados no trecho acima servem para complementar o entendimento dos conceitos de “*união*” e “*unificação*” que passavam pela mente de Kardec. Ele não se preocupava com pessoas, grupos ou instituições terem pensamentos pouco ou muito diferentes (os “*dogmas particulares*” (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*) no tocante a pontos não essenciais do espiritismo. Ele se preocupava com as pessoas, grupos e instituições que se diziam espíritas possuírem e aceitassem como verdades “*princípios comuns*”, e que esses “*princípios comuns*” fossem os fundamentos da DE. Serão esses “*princípios comuns*” que “*unirão*” ou “*unificarão*” os adeptos espíritas e não a adesão formal a um ato exterior, encontro físico ou documento. É essa noção de “*união por princípios comuns*” que será proposta aqui como uma forma científica de trabalhar a unificação do movimento espírita, de um modo coerente com Kardec.

III MODELO DE UNIFICAÇÃO NA CIÊNCIA

A Ciência desenvolveu um *status* elevado na Sociedade. Ela é considerada como a reveladora das leis da natureza. Seus resultados trouxeram enorme benefícios à humanidade, da tecnologia que facilita as atividades diárias, até a medicina que aprimora a saúde e permite um tempo e qualidade cada vez maiores de vida.

A disciplina acadêmica que estuda *o que é e como* a Ciência trabalha é a Filosofia da Ciência. Fugiria do escopo do presente estudo, apresentar uma definição aprofundada sobre o que é ciência. Sugiro a leitura do texto didático do Prof. Silvio S. Chibeni (2004) sobre “o que é



ciência”. Abaixo, apresento algumas breves definições de ciência na forma como alguns filósofos a caracterizaram e uma definição de dicionário.

No dicionário da *internet* encontramos as seguintes definições de ciência⁵:

1. conhecimento atento e aprofundado de algo.
2. corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, e formulados metódica e racionalmente.

O significado 1 é uma visão comum de ciência como sinônimo de conhecimento já adquirido. O significado 2, porém, é mais condizente com o trabalho da Ciência.

Thomas Kuhn (1996) (1922-1996) trouxe um enfoque historicista para a ciência. Em resumo, ele propôs fases pelas quais uma ciência passa. 1. *Fase pré-paradigmática*. Esse é o período de divergência de visões e pensamentos em torno das hipóteses e teorias iniciais sobre os fenômenos. A disciplina se torna ciência quando surge um “modelo” ou “paradigma” que então permite passar-se à próxima fase, 2. *ciência normal*, na qual as pesquisas ocorrem e evoluem com base nos fundamentos do paradigma. 3. *Crise*. Essa fase é caracterizada pela descoberta de um número crescente de fenômenos que desafiam o paradigma vigente na sua capacidade de explicá-los e descrevê-los. 4. *Revolução científica*. Nessa fase, os cientistas analisam ideias, teorias e hipóteses para explicar os fenômenos descritos na fase anterior, e aquelas que melhor descreverem a nova classe de fenômenos oriunda da fase de crise, estabelecerá um “*novo paradigma*”. 5. *Nova fase de ciência normal*. Essa fase é semelhante à fase 2. na qual se trabalha a evolução normal da disciplina científica com o novo modelo de entendimento da natureza reiniciando, assim, o ciclo. Veja o artigo “O paradigma espírita”, de Silvio S. Chibeni (1994) para mais detalhes.

Imre Lakatos (1980) (1922-1974) descreve a atividade científica como sendo a realização de um *programa de pesquisa*. Ele define conceitos de *núcleo firme* e *cinturão protetor*. O primeiro representa os fundamentos da disciplina científica e o segundo as hipóteses teóricas que servem de ajuste e conexão entre o núcleo firme e os fenômenos naturais estudados. O programa de pesquisa é trabalhado de acordo com *heurísticas* ou regras ditas *positivas* e *negativas*. As regras negativas dizem respeito à manutenção do núcleo firme. As regras positivas dizem respeito a forma como lidar com divergências e discrepâncias experimentais e o núcleo firme. No caso, as hipóteses do cinturão protetor podem ser ajustadas para resolver essas divergências. Veja o artigo, “A Excelência Metodológica do Espiritismo”, publicado em duas partes, de Silvio S. Chibeni (1988a,b) para mais detalhes sobre a proposta de Lakatos e uma relação com o espiritismo.

⁵Ver este [link](#).

⁶Embora alguns filósofos proponham que é possível construir teorias hipotéticas que refletem uma dada realidade empírica para certos casos específicos, ou ainda outros que propuseram uma radical anarquia de métodos e conceitos, ainda sim é necessário justificar a validade de qualquer pesquisa que é realizada. De outro modo, as assertivas desses mesmos filósofos podem ser questionadas com base, justamente, nas ideias que pretenderam defender.

O filósofo norte-americano Larry Laudan (1978) (1941-2022) propôs que ciência é, essencialmente, uma atividade de resolução de problemas. Ele diz que além de valorizar teorias com alta eficácia na solução de problemas, a ciência trabalha para minimizar as anomalias empíricas.

As descrições de ciência acima não são absolutas. Outros filósofos e historiadores da ciência apresentam definições e caracterizações diferentes. Porém, o importante é entender que a Ciência é uma atividade que envolve a aquisição de conhecimento através de métodos que assegurem a sua validade. Nem sempre a atividade da ciência é algo fácil. Enquanto que uma dada hipótese não pode ser testada infinitamente, basta as vezes um experimento para demonstrar que ela não é totalmente válida.

O foco que pretendemos dar aqui é aos aspectos de “união” e “unificação” que existem na Ciência. Os cientistas desenvolveram uma ética de pesquisa que podemos resumir como envolvendo a *concordância* com dois conjuntos de conhecimentos, cada um com um certo número de itens de aprofundamento. Chamemo-los de A e B para um entendimento rápido mas didático. O conjunto A é formado pelos fundamentos da área científica ou acadêmica. Os cientistas aprendem o ofício da ciência *primeiro* estudando os fundamentos da área (1º item do conjunto A). *Segundo*, estudando os fundamentos dos tópicos específicos que vão definir o(s) projeto(s) de pesquisa a ser(em) realizado(s) pelo pesquisador (2º item do conjunto A). E, *terceiro*, estudando o estado da arte do conhecimento específico em torno do(s) tema(s) do(s) projeto(s) de pesquisa (3º item do conjunto A). Esse terceiro passo é necessário pois o trabalho da ciência consiste em pesquisar o que ainda não é conhecido, e para saber isso, é preciso estudar tudo o que foi descoberto a respeito do tema. Esses três itens dizem respeito ao conjunto A de conhecimentos que os cientistas *concordam* em ter.

O conjunto B de conhecimentos consiste na definição e validade dos critérios de pesquisa. Os cientistas estão de *acordo* que, *primeiro*, é preciso utilizar métodos de pesquisa para avaliar, testar e confirmar as hipóteses de trabalho (1º item do conjunto B). Isso implica diretamente na assertiva de que reputação ou *opiniões* individuais, por mais respeitáveis, não são condições suficientes para aceitação dos resultados de uma pesquisa. O item seguinte, que é de enorme importância, é os cientistas estarem de *acordo* que o que determina a validade desses métodos é, justamente, o conjunto A de fundamentos (2º item do conjunto B). Ou seja, são os fundamentos ou, se preferir, os paradigmas ou núcleo firme da disciplina científica que definem os métodos, critérios e os limites de validades das pesquisas de novos fenômenos⁶.

Nessa dinâmica de atividade científica, percebe-se que embora os cientistas trabalhem em projetos de pesquisa



distintos, em áreas, tópicos e especialidades diferentes, todos eles tem todos os itens dos conjuntos A e B acima como “*pontos em comum*” que servem de pontos de contato que os “*unem* ou “*unificam*”. Notem que mesmo que existam grupos de pesquisa que, sobre determinado assunto ainda *controverso*, defendem hipóteses diferentes, há entre eles o *acordo* acima. Compare isso com a proposta de Kardec, descrita na subseção II.4, de como os membros da SPEE podem se posicionar perante assuntos *controversos*.

De modo a entender como a proposta de “unificação” de Kardec permite atrair pessoas, grupos e instituições diferentes, vejamos como a Ciência trabalha a aceitação de novas ideias. Isso pois, é natural que grupos diferentes, mesmo de boa vontade, ao se unir a outros grupos, queiram propor seus “*dogmas particulares*” (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*) achando, de boa-fé, que eles são verdades. A forma como a Ciência lida com isso é um exemplo que pode ser adotado pelos espíritas. Primeiro, vejamos como as novidades se tornam parte dos fundamentos em uma área científica.

Os cientistas realizam suas pesquisas com base nos métodos e fundamentos que eles consideram corretos (a *concordância* com os conjuntos A e B acima). Em seguida, escrevem artigos relatando a pesquisa, seus métodos, justificativas e conclusões. Os trabalhos de pesquisa científicos são então escritos, primeiro como artigos de pesquisa. Os artigos são espécies de relatórios, isto é, relatam o que foi feito e *como* foi feita a pesquisa. Eles são submetidos para publicação em revistas científicas que adotam o chamado “*método de análise por pares*” (MAPP)⁷. Em poucas palavras, o MAPP consiste em passar o artigo pela análise de pareceristas com conhecimento nos fundamentos da área e do tópico de pesquisa reportado. Esse é um primeiro teste da qualidade do conteúdo do artigo. Se o artigo for aceito para publicação, ele passará por um segundo teste de qualidade que, em geral, demora anos. Se o artigo for bom, de natureza fundamental, eles serão citados e confirmados nas pesquisas futuras de outros cientistas. Se isso ocorrer, esse conteúdo pode se tornar um *conhecimento novo e fundamental* na área. Esse é o processo que todo conhecimento novo passa para se tornar aceito. Sem isso, não há aceitação, ou no máximo a proposta é considerada como uma possível hipótese (se não for refutada). Na Ciência, alguns pesquisadores são premiados e destacados por sua genialidade e contribuições marcantes para o avanço do conhecimento. Alguns recebem o prêmio Nobel em suas áreas por tais contribuições. E, por falar em cientistas que são premiados, embora o pensamento e opinião desses pesquisadores sejam respeitados pela comunidade científica, a *opinião* deles sozinha não serve de razão suficiente para justificar ou aceitar-se novas descobertas. Isto é, a opinião, a favor ou contra, de um cientista, até mesmo dos mais destacados, sobre qualquer

assunto, nunca será aceita como razão determinante de aceitação ou refutação do mesmo. São os estudos, os artigos, as pesquisas plenamente justificados que tem valor como contribuição para o conhecimento. Nesse aspecto, todos os cientistas *concordam* e são “unidos”.

O conteúdo dos artigos que são considerados terem apresentado as descobertas mais importantes acaba sendo, também, publicado em livros e passa a fazer parte dos fundamentos da área. Salvo particularidades de algumas áreas do conhecimento, em geral, a maioria delas segue essa sequência: publica-se artigos de pesquisa → depois são citados → depois publica-se livros se forem bem citados.

No movimento espírita, pode-se trabalhar do mesmo modo para com “*dogmas particulares*” (Kardec, 2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*) que algumas pessoas ou grupos espíritas venham a ter e/ou propor. Todos que se juntarem ou “unirem” ao movimento de “unificação” espírita, devem ser esclarecidos de que devem estar de *acordo* com os fundamentos da DE e que “*dogmas particulares*” até podem ser tratados e estudados pelo movimento espírita, mas desde que sigam a mesma forma e rigor que Ciência usa para com suas descobertas. Lembrem da *Ressalva 2*) de Kardec. Para isso, o movimento espírita já dispõe de grupos e periódicos que realizam o MAPP como, por exemplo, a LIHPE⁸ e o JEE⁹. Se os “*dogmas particulares*” de algum grupo não puderem ser comprovados de forma científica, e de acordo com os critérios e métodos determinados pelos fundamentos da DE, naturalmente eles não poderão ser aceitos nem utilizados pela coletividade de adeptos e grupos espíritas. No máximo, podem continuar pertencendo às crenças *particulares* dos grupos que as tem, isto é, sem prejuízo do direito de liberdade de pensamento e de crença desses grupos.

Levando em consideração que alguns “*dogmas particulares*” existem devido a comunicações e mensagens de Espíritos, a forma como trata-los deve seguir critérios e orientações apresentados pelos próprios fundamentos da DE. Na introdução da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sob o título “Autoridade da Doutrina”, Kardec (1996) explica quais os critérios para aceitação de novidades dos Espíritos. O primeiro deles envolve o uso da razão. Em seguida, aplicar o critério do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, lembrando que Kardec define esse critério em formas fraca e forte. Em particular, para os conceitos que apresentam conflitos com a DE e que já foram publicados e são amplamente disseminados no meio espírita, uma forma de fazer luz sobre o assunto é usar-se do método acima, de escrever e publicar artigos de pesquisa, que apresentem análises bem fundamentadas, na Ciência e na DE, sobre tais conceitos e/ou obras.

Note que o MAPP envolve *análise por pares*. No caso do espiritismo, quem são os *pares* mais adequados para

⁷Veja uma descrição do MAPP no artigo de Da Fonseca (2022).

⁸Liga de Pesquisadores do Espiritismo, site: https://ccdpe.org.br/https-ccdpe-org-br-https-ccdpe-org-br-page_id3064/.

⁹Jornal de Estudos Espíritas, site: <https://sites.google.com/site/jeespiritas/>.



analisar uma pesquisa espírita? São exatamente os que tem como “*pontos em comum*” os fundamentos da DE. Em termos dos conjuntos acima, os *pares* aptos a analisar os trabalhos de pesquisa espírita são aqueles que tem na DE os fundamentos do conhecimento associado aos conjuntos A e B. Na ciência, muito se debate sobre falhas e limitações do MAPP. Isso pois ele envolve a atuação de seres humanos em diversos papéis, ora como editores, ora como pareceristas, ora como autores de artigos. Entretanto, existem estudos científicos sobre a qualidade e efetividade do método. Goodman *et al.* (1994) e, mais recente, Siler, Lee & Bero (2014), mostraram que, embora ocorram falhas, tem havido muito mais benefícios do que prejuízos na utilização do MAPP. Dito isso, o sucesso na minimização dos problemas de natureza humana nesse processo depende da escolha consciente e honesta de pares e pareceristas competentes feita pelos Editores das revistas científicas. No caso espírita, Editores das revistas de publicação de artigos de pesquisa espírita que adotam o MAPP devem igualmente buscar a colaboração de pareceristas que sejam, ao mesmo tempo, competentes no tema do artigo a ser analisado, e idôneos e isentos o bastante para fornecerem uma análise justa. O espírita, em particular, sabe por força de orientação doutrinária, que embora o MAPP permita o anonimato do parecerista, este não está completamente isolado de “testemunhas” espirituais que o acompanham. Isso, sem contar com a recomendação do espiritismo de sempre manter a consciência tranquila do dever cumprido. Esses fatores mostram que no meio espírita, métodos como o MAPP tem mais chances de serem levados a efeito com sucesso e com um mínimo de falhas, do que fora do meio espírita onde interesses pessoais e distintos do mérito acadêmico podem, muitas vezes, estar presentes.

A comunidade científica, portanto, trabalha de um modo bastante *unificado*, isto é, *aceitam* os mesmos métodos e *concordam* com as mesmas bases, mesmo sendo formada por pessoas de pensamentos diferentes, de áreas diferentes, de motivações e ambições diferentes. Vejamos, agora, como isso se reflete na formação dos jovens candidatos a futuros cientistas (ou adeptos da comunidade científica). Nos cursos básicos de cada área, se aprende os fundamentos *da área*, conforme aquilo que a comunidade *da área* está de *acordo* que sejam esses fundamentos. Note que esse *acordo* não é mera formalidade ou “convenção de cavalheiros”. No Brasil, por exemplo, o Ministério da Educação possui registros e padrões de planos pedagógicos de cada curso formal, que regulam os conceitos mínimos que formam os fundamentos da área e devem ser ensinados aos jovens. Esses conceitos se baseiam no fato deles terem sido cientificamente ou academicamente comprovados. Eles foram comprovados nas pesquisas dos pioneiros de cada área científica e, pode-se dizer, são comprovados em cada estudo e pesquisa novos, já que eles são capazes de fundamentar a descrição e explicação de novos fenômenos ou aplicações. Quando novas descobertas são confirmadas pelos pesquisadores, elas são publicadas em livros que, por sua vez, se tornam livros didáticos desses cursos após atualização dos registros oficiais do Ministé-

rio da Educação. Existe, portanto, um reforço positivo e natural entre a manutenção desse *acordo* nos fundamentos e o seu uso na pesquisa e descoberta de novos conhecimentos.

Os congressos científicos não são realizados para apenas repetir-se o que todos já sabem e *concordam* ser os fundamentos da área científica. Os congressos científicos, na atualidade, servem para que os pesquisadores comuniquem e defendam com dados e argumentos, os resultados de suas pesquisas. Eles justificam seus estudos com base nos fundamentos da área. Um resultado desses congressos é colher dos *pares* que assistem a essas comunicações, sugestões e ideias para aprimoramento, bem como ideias para definição de novos projetos de pesquisa. Os congressos não servem para que os participantes ouçam ou vejam o que todos já sabem ou que, simplesmente, podem ler nos livros didáticos. Isso seria desperdício de tempo, recursos financeiros e de esforços. Algumas áreas do conhecimento promovem encontros e congressos para que profissionais da área se inteirem dos avanços que tem sido realizados na área. Médicos, por exemplo, fazem isso, onde os que não são cientistas se reúnem para ouvir, conhecer e se convencer (com base em fundamentos) da validade de novidades e descobertas na área.

Na atualidade, no meio espírita, salvo algumas poucas iniciativas, os congressos espíritas tem ocorrido de uma forma incoerente com os congressos científicos das diversas áreas. A maioria dos participantes apenas assiste palestras e plenárias que apresentam temas já conhecidos, já estudados, já publicados na literatura espírita. É como se os congressistas desejassem permanecer em uma certa *zona de conforto* intelectual onde não precisam se esforçar por raciocinar, avaliar e entender conceitos novos, interpretações diferentes, questionamentos de conceitos estabelecidos, mesmo que feitos com base nos fundamentos da DE. As plenárias acabam expondo *mais do mesmo* ao invés de semear idéias e produzir reflexões novas para o futuro. Alguns congressos espíritas acabam atraindo muita gente por causa do apego de vários amigos e adeptos espíritas a determinadas personalidades. Participam para ter o prazer de ver e ouvir *ao vivo* o orador preferido. Não que isso seja um *pecado*. Mas, em pleno século XXI, esses motivos não se justificam mais. A proposta de Kardec da autoridade das decisões para o espiritismo ser similar à autoridade de uma *academia científica* (veja [Ressalva 2](#)) não comporta um tipo de congresso de caráter apenas reconfortante. O modelo de congresso espírita precisará evoluir pois o movimento espírita não dispõe de recursos para realizar encontros nos quais os participantes não saem com uma boa noção dos progressos que os confrades espíritas tem desenvolvido no meio espírita.

Esse *acordo* que existe na Ciência não decorre de assinatura de documentos formais, pactos ou outros atos exteriores. Ele decorre simplesmente da *consciência* que os membros da comunidade científica têm da validade e importância dos fundamentos da área científica. Essa consciência não é artificial. Se puder usar uma comparação, essa consciência de que todos devem estar de *acordo* com os fundamentos da área é similar ao *acordo*



que existe entre as pessoas habilitadas a dirigir veículos automotores. Todos os motoristas conhecem e estão de pleno *acordo* em seguir as regras e leis do trânsito pois sabem que elas existem para regular o fluxo equilibrado dos veículos e manter a segurança. Esse tipo de *acordo* é algo óbvio e quando algum motorista deixa de seguir as regras e leis, acidentes acontecem, e vidas são perdidas. Na Ciência, tem-se essa consciência de que não seguir o *acordo* com relação aos critérios e fundamentos da área leva a prejuízos na falta de qualidade e certeza nos resultados das pesquisas. Em algumas áreas a ausência de métodos e critérios rigorosos pode resultar em perda de vidas. Ao contrário do que alguns amigos pensam no meio espírita, é o rigor na observância aos fundamentos da área que garante a eficácia e segurança das descobertas. O argumento de que esse tipo de rigor *engessaria* o espiritismo é equivocado pois a Ciência é o maior exemplo de que, ao mesmo tempo que sua comunidade está de *acordo* com os fundamentos da área e o rigor, ela é aberta a novas descobertas, incluindo até mesmo, a mudança de paradigmas.

Além disso, os congressos científicos não servem mais para os participantes decidirem *o que faz e o que não faz* parte do conhecimento da área. Não é assim que funciona na atualidade, até mesmo porque o número de pesquisadores em cada área aumentou tanto que é impossível reunir todos num único centro de convenções. Mesmo as Sociedades formadas por cientistas (sociedades de físicos, químicos, médicos, etc.), elas não detêm autoridade para determinar *o que é e o que não é* fundamento de suas respectivas áreas. É através da sequência já comentada anteriormente de realização de pesquisas, publicação de artigos que as reportam e posterior citação e confirmação dos mesmos, que o conhecimento adquire reputação e passa a fazer parte dos novos fundamentos da área, se tornando, assim, aceito e, em comum *acordo*, utilizado em futuras pesquisas e ensinado nos cursos. O processo é natural e baseado no mérito exclusivo do trabalho científico ou do conhecimento que foi obtido através dele, e não através da decisão de uma pessoa, uma autoridade, grupo de pessoas ou órgão de unificação. Na Ciência da atualidade, não cabe a existência de uma “*comissão central*” conforme sugerido por Kardec (1868) com o papel de exclusividade em coisas como, por exemplo, “*prover ao desenvolvimento de suas conseqüências* [da Doutrina]” (Kardec, 1868) ou decidir o que deve ou não entrar no corpo da DE. Mesmo que exista uma comissão que pudesse fazer sugestões sobre isso, não há como obrigar os demais adeptos a aceitarem-nas *apenas* por razões de *autoridade* da comissão central ou conselho de unificação. Na Ciência de hoje, isso não existe. Nela, o processo de aceitação é natural como explicado anteriormente. A aceitação de novas ideias *começa* pela apresentação de artigos de pesquisa que as justificam com base nos fundamentos da área; *passa pelo* estudo dos artigos de pesquisa publicados e *seu posterior uso* em novas pesquisas. Essa aceitação *culmina* com as pesquisas que são mais usadas como base para outras, se tornando fundamentos novos da área. Isso só ocorre por causa do trabalho da

Ciência ser coletivo, isto é, muitas pessoas trabalham em cada área, cada um dando sua contribuição, mas todos em *acordo*, portanto “unificados”, em torno dos critérios e fundamentos da área. Vejam como esse aspecto de trabalho da Ciência era algo que Kardec já intuía como valoroso:

Hoje, que o trabalho de elaboração [do espiritismo] se acha concluído, no que concerne às questões fundamentais, que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, **tem que se tornar coletiva**, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso excederá as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, [...]. (Kardec, 1868, grifos meus).

Esse caráter *coletivo* de trabalho e “unificação” dá certo como a Ciência mostra através de seus resultados e benefícios à Sociedade. Ao reler a *Ressalva 2*) mostrada na subseção II.1, que diz que a autoridade da comissão central “*será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência*” (grifos meus), percebe-se que Kardec apoiava, justamente, a forma da Ciência de definir a autoridade na manutenção da sua área de conhecimento e na aceitação de novas descobertas. Na sua época, como o número de cientistas era bem menor, as Academias davam conta de centralizar todo o trabalho de “unificação”. Na atualidade, porém, pessoas e sociedades científicas não centralizam mais essa atividade da Ciência. A “unificação” na Ciência se dá através do *acordo* ou *concordância* de todos os seus membros para com os fundamentos da área. Isso é um ponto que os espíritas devemos analisar e buscar adotar. Essa forma de “unificação” satisfaz a todas as condições e demandas apresentadas por Kardec.

Vejam como a Sociedade se beneficia do *acordo* ou “unificação” da Ciência. Todas as atividades decorrentes dos resultados de pesquisa são, no tempo certo, aplicadas em benefício da Sociedade através de serviços, produtos e materiais novos, cursos esclarecedores, métodos de tratamento de doença novos, etc. Há um *acordo* entre os cientistas de que os resultados de pesquisa só são adequados para serem transmitidos e aplicados na Sociedade quando eles forem devidamente comprovados. Na área médica, por exemplo, mesmo as drogas mais promissoras, requerem anos de testes e pesquisas antes de serem aprovadas para utilização pública. Enquanto isso, os resultados já conhecidos e que passaram por esses critérios de validade no passado são usados na Sociedade. Em uma matéria escrita para o jornal espírita *Alavanca* de Campinas, SP, Alexandre Fontes Da Fonseca (2016) apresenta uma interessante comparação entre o movimento espírita e os trabalhos de pesquisa e de prestação de serviços na Sociedade de dois tipos de profissionais: o engenheiro e o médico. Nessa matéria, Da Fonseca (2016) descreve a atuação desses profissionais em duas frentes ou linhas de trabalho. “frente 1”: trabalho de pesquisa científica; e “frente 2”: trabalho de prestação de serviços à Sociedade. Na frente 1, os profissionais, além de terem formação nos



fundamentos da engenharia ou medicina (conjunto A), são cientistas e realizam pesquisas na fronteira do conhecimento (conjunto B). Na frente 2, os profissionais também tem formação nos fundamentos da engenharia ou medicina (conjunto A), mas atuam diretamente na prestação dos serviços de sua competência às pessoas na Sociedade. Um exemplo ajuda a explicar e ilustrar essa diferença. Citando [Da Fonseca \(2016\)](#):

Um engenheiro civil, por exemplo, no grupo 1, pode investigar como utilizar materiais diferentes na composição de matérias primas alternativas, mais baratas, mais leves e menos agressivas ao meio ambiente, para fins de construção civil ou pavimentação. Um engenheiro civil do grupo 2, pode aproveitar esse conhecimento para projetar casas populares, edifícios ou outros tipos de construções para benefício direto da Sociedade. Ambos estão fazendo o bem para a Sociedade, embora os resultados de cada um ocorram em tempos diferentes.

Exemplos similares na medicina podem ser formulados facilmente. Enquanto médicos da frente 1 desenvolvem novos remédios e tratamentos, os da frente 2 diagnosticam e aplicam os remédios e tratamentos já pesquisados e comprovados no atendimento à saúde pública. O que há em comum nesses profissionais é que ambos, das duas frentes, tem como “*ponto em comum*” o *acordo* sobre os fundamentos da sua área e os conhecimentos e descobertas que originaram do trabalho da ciência e foram devidamente comprovados. Ambos os profissionais estão “unidos” e “unificados”, não pela presença física em determinado grupo ou órgão de unificação, mas no conhecimento que é pesquisado ou aplicado para serviço e benefício de toda a Sociedade.

No meio espírita, temos algo similar, exceto a consciência de “unificação” com base no *acordo* sobre os fundamentos da DE. Embora poucos ainda, temos companheiros que se dedicam a atividades de pesquisa do conhecimento como Kardec fazia e sob orientação dos fundamentos da DE; e temos companheiros que aplicam o conhecimento espírita nos centros e instituições espíritas. Estes últimos podem atuar em quaisquer setores de atividade espírita, dos estudos e cursos, até a prática da mediunidade ou assistência material e social. Os primeiros podem desenvolver pesquisas puramente doutrinárias ou em relação próxima a outras áreas do conhecimento. Por exemplo, pode-se investigar os efeitos da prece, da transmissão de fluidos espirituais, e da prática do bem na saúde física e mental das pessoas. Pode-se, por exemplo, pesquisar os métodos atuais de ensino e aplicá-los ao estudo de novas formas de aprendizado do espiritismo. O leque é amplo e em qualquer caso, independente das aptidões e diferenças, pessoas, grupos e instituições estariam “unificados” na medida em que haja um *acordo* sobre a validade e importância dos fundamentos da DE. Essa comparação entre as duas frentes ou linhas de trabalho na engenharia e na medicina com o movimento espírita só faz sentido se este último adotar a proposta de “unificação” similar aos primeiros, isto é, com base no *acordo* com os fundamentos da DE.

IV PROPOSTA DE UNIFICAÇÃO PARA O MOVIMENTO ESPÍRITA COM BASE EM KARDEC E NA CIÊNCIA

Com base na descrição e discussão acima de como Kardec vislumbrava o futuro do espiritismo e como, na atualidade, a Ciência se mantém “unida” e “unificada”, proponho aqui um esboço de proposta de trabalhar a “unificação” dos espíritas de um modo um pouco diferente do que vem sendo feito.

Assim como na Ciência não existem pactos baseados em atos exteriores, eventos materiais ou documentos assinados por representantes da mesma, no espiritismo não devem existir pactos de “união” baseados em eventos, documentos ou outros atos exteriores. Nenhum ato exterior pode oferecer garantias por si de “unificação” e *acordo* em torno dos fundamentos da DE. Assim como a Ciência tem e mantém sociedades científicas que congregam *pares* e organizam atividades com eles, os órgãos e instituições de unificação também podem existir, contribuir e atuar similarmente.

Na Ciência, as sociedades de cada área realizam atividades como cursos, encontros, campanhas, etc. todas elas com o *acordo* de seus sócios e membros e *concordância* de que é importante que essas atividades sejam realizadas com base nos fundamentos da área. No espiritismo, a mesma coisa pode e deve ocorrer. Os órgãos de unificação devem trabalhar para incentivar, estimular e desenvolver atividades que enriqueçam os estudos e vivências dos adeptos espíritas, mas tendo consciência de que todas elas devem estar em pleno *acordo* ou plenamente *coerentes* com os fundamentos da DE. Os adeptos espíritas precisam, inclusive, reavaliar todas as suas atividades para desenvolver a devida consciência de que elas estão, de fato, de *acordo* com os fundamentos da DE.

De modo a perceber que isso não é uma opinião pessoal, vejamos o pensamento de Bezerra de Menezes em mensagem espiritual recebida pelo médium Francisco C. [Xavier \(1975\)](#), cujo título é exatamente o tema deste estudo, “Unificação”, e que assim se exprime:

Quem se afeiçoe à ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à religião que lhe divinize as aspirações, **mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos**, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces em que se nos levanta a organização. (Grifos em negrito, meus).

O trecho acima é um exemplo de que a espiritualidade já tinha em mente desde a década de 60 do século findo, quando a mensagem foi recebida: que o processo de “unificação” espírita precisa ocorrer em torno dos fundamentos da DE. Bezerra afirma que mesmo diante das diferentes aptidões e interesses dos espíritas, que “*a base kardequiana permaneça em tudo e todos*”, isto é, que a DE seja o *ponto em comum* na união entre os espíritas. Esmiuçando a proposição de Bezerra, notem que ele propõe que a base kardequiana, isto é, a DE, esteja presente **em tudo**, ou seja, em todas as atividades, e **em todos**, ou



seja, que todos que se unirem sob a bandeira espírita, tenham a DE como fundamento, *aceitem e concordem* com ela e com ela ser o fundamento do espiritismo. Essas palavras de Bezerra de Menezes também remetem às 3 condições recomendadas por Kardec para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do espiritismo (Kardec, 1868) (ver subseção II.1). Os itens 1 e 2 estão implícitos na recomendação de Bezerra de “*que a base kardequiana permaneça em tudo e todos*”. O item 3 está implícito na primeira frase de Bezerra do trecho acima pois ele recomenda que quem se afeioe às questões de ciência ou filosofia e o espiritismo, que “*a cultive em sua dignidade*” e “*the engrandea os postulados*”. Cultivar a ciência com dignidade e engrandecer postulados filosóficos é justamente o que se faz na Ciência. É realizar não apenas estudos, mas trabalhos de pesquisa. No final do trecho, Bezerra justifica a sua recomendação de que os espíritos devem estar de *acordo* com a “*base kardequiana*”, isto é, com os fundamentos da DE, pois sem esse *acordo*, perder-se-á “*o equilíbrio sobre os alicerces*” sobre os quais se “*levanta a organização*” espírita ou do movimento espírita.

A seguir, apresento um esboço simples e inicial, a título de sugestão de itens que, no meu entendimento, devem estar presentes no processo ou trabalho de “unificação” por parte de qualquer grupo ou órgão. Não são itens absolutos e, certamente, podem ser aprimorados, mas pretende-se que sirvam de base para que novas sugestões sejam feitas e analisadas, levando-se em conta que o processo de “unificação”, segundo Kardec e a Ciência, dependem fortemente da sinceridade do *acordo* sobre os fundamentos da DE. Dessa forma, o processo de “unificação” será efetivo e naturalmente respeitará a liberdade de pensamento de cada indivíduo ou grupo. Sobre as novidades e descobertas, será a comunidade de adeptos espíritos que as avaliará, através da leitura dos artigos de pesquisa que as apresentarão com base nos fundamentos da DE.

1. Só farão parte do órgão ou instituição de “unificação”, as pessoas, grupos e instituições que, de modo sincero, afirmem que estão de *acordo* com os fundamentos da doutrina espírita conforme item 2 a seguir. Grupos que forem adeptos de práticas estranhas e reconhecidamente incoerentes com a DE, podem fazer parte da “unificação”, mas desde que manifestem o *acordo* com os fundamentos da doutrina espírita e com os itens desse regulamento.
2. Na presente data, os fundamentos da doutrina espírita são aqueles contidos nas obras fundamentais de Kardec, bem como vários conceitos e discussões presentes nas demais obras de Kardec e na *Revista Espírita*. Essa definição de fundamentos da doutrina espírita é a que mais “unifica” os diferentes grupos espíritos pois nenhum grupo genuinamente espírita, ou que se considere como tal, é capaz de negar os fundamentos contidos nas obras de Kardec. De outro modo, não é espírita. Princípios e conceitos distintos do de Kardec são, *a priori*, controversos até que se prove o contrário e, portanto,

não gozarão da mesma aceitação geral. Assim, os conceitos de obras de autores espirituais ou encarnados, mesmo os mais conhecidos e consagrados na atualidade, que não tenham respaldo claro nos fundamentos da doutrina espírita, não podem fazer parte dos fundamentos da mesma. Podem, entretanto, ser (re)estudados, analisados e justificados ou refutados com base nos fundamentos da doutrina espírita. Podem ser consideradas obras *subsidiárias*, isto é, que fornecem exemplos e subsídios de estudo, desde que constatadas a coerência com os fundamentos da DE. Conceitos contidos nessas obras ou que venham a ser descobertos e comprovados no futuro, só farão parte dos fundamentos da doutrina espírita, conforme item 3 das condições para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do espiritismo (Kardec, 1868), se passarem pelos critérios de validade e aceitação definidos pela doutrina espírita. Para isso, devem seguir passos similares ao da Ciência no tocante à aceitação de novos fundamentos.

3. Órgãos estaduais, nacionais ou internacionais podem e devem continuar a congregar pessoas, grupos ou instituições espíritas da maneira como já fazem, bem como formar seus conselhos de representantes dessas instituições espíritas. Devem, entretanto, verificar os itens 1 e 2 acima.
4. Os conselhos ou órgãos de “unificação” **não terão** papel nem autoridade para determinar *o que é e o que não é* espírita; *o que é e o que não é* coerente com a DE. O conselho ou órgão de “unificação”, entretanto, trabalhará apenas com conceitos presentes nos fundamentos da DE conforme definido no item 2. A determinação *do que é* ou *não é* coerente com a DE é papel da comunidade de adeptos, estudiosos e pesquisadores espíritos e ocorrerá de modo dinâmico, isto é, ao longo do tempo e na medida que surgirem questões e assuntos pesquisados, analisados e justificados segundo os fundamentos da DE.
5. Em consonância com o item 4 acima, o conselho pode atuar na produção e promoção de eventos, cursos, material didático ou de suporte ao estudo de temas espíritos com base nos fundamentos da DE.
6. Com relação a *pontos controversos*, o conselho ou órgão de “unificação” pode propor estímulos à pesquisa dos mesmos com base nos fundamentos da DE. Pode propor, se quiser e souber, o gerenciamento de projetos de pesquisa que visem realizar pesquisas espíritas que possam elucidar ou solucionar problemas e questões espíritas de ordem teórica ou experimental, bem como promover encontros para apresentação de resultados, parciais ou finais, de estudos e pesquisas espíritas, sempre enfatizando que os fundamentos da DE devem ser usados nos critérios de validade e justificativas. O



conselho ou órgão deve estimular a publicação dos resultados das pesquisas na forma de artigos de pesquisa que passem pelo método de análise por pares, e sugerir o acompanhamento da forma como esses artigos são citados, se confirmados ou refutados. A opinião que dirigentes e representantes do conselho ou órgão de “unificação” venham a ter sobre *pontos controversos* não representam mais que opiniões individuais. Dirigentes e representantes de órgãos que desejam contribuir com a elucidação desses *pontos controversos* devem ser os primeiros a darem o exemplo da forma acima proposta de lidar com o assunto, isto é, através da realização de estudos e pesquisas que, fundamentados na DE, realizem a contribuição.

7. O conselho ou órgão poderá ter departamentos que estimulem estudos e práticas específicas de quaisquer aspectos do espiritismo, religioso, científico ou filosófico, observando-se os itens 1 e 2 acima.
8. O conselho ou órgão poderá decidir a realização de atividades com base em decisões democráticas dos representantes das instituições unidas. Entretanto, que fique bem claro que o conselho ou órgão não decidirá o grau de coerência doutrinária de qualquer assunto controverso com base em decisões democráticas dos representantes adesos. Deve, também, se esforçar por atender demandas de atividades das minorias, a título de incentivar a participação de todos. O conselho ou órgão de “unificação” pode decidir realizar essas demandas das instituições de acordo com critérios de importância, por ordem de chegada, ou por outros critérios definidos em comum acordo, e sempre de acordo com sua capacidade. Na ausência de demandas, o conselho pode propor a realização de atividades que motivem a participação, o engajamento e o crescimento das instituições, sempre fundamentando suas atividades na DE.
9. O conselho ou órgão de “unificação” não terá papel de julgar, criticar ou fiscalizar pessoas, grupos ou instituições espíritas, no tocante à coerência das suas atividades particulares com os fundamentos da DE. A forma de manifestar discordância ou crítica (indireta) à alguma proposta que seja incoerente com os critérios e fundamentos da DE será, simplesmente, não aceita-la/realiza-la em nome do conselho ou órgão.

Os itens acima foram propostos em forma de *brainstorming*, isto é, consistem em ideias e sugestões para compor uma futura estratégia mais robusta de trabalho de “unificação”. Porém, pela brevidade com a qual foram escritos, naturalmente, eles podem ser corrigidos, suprimidos, melhorados ou adicionados de acordo com o conhecimento de companheiros com maior experiência na atividade de “unificação”, com base em necessidades mais específicas, etc. Porém, não se deve perder de vista que o

foco da “unificação”, segundo Kardec, é ter os fundamentos da DE como *ponto de contato* ou de “união” entre as instituições adesas ou “unidas”, onde jamais poderá deixar de existir o *acordo* sobre esses fundamentos.

Ainda cabe, nessa seção, comentar sobre as reflexões feitas pelo irmão de doutrina, Antonio Cesar Perri de Carvalho (2018), em sua obra, *União dos espíritas, para onde vamos?* Destaco os dois últimos capítulos da obra, nos quais Perri de Carvalho (2018) desenvolve uma linha de pensamento em torno de “premissas para a união” e depois faz propostas para o futuro. No capítulo 5, “premissas para a união”, Perri de Carvalho (2018) cita Kardec, cita o artigo “Constituição Transitória do Espiritismo”, traça um paralelo entre as viagens de Kardec com as de Paulo de Tarso, transcreve mensagens espirituais de autores respeitados sobre o assunto, cita a proposta de “comissão central” de Kardec, transcreve vários dos seus trechos, embora não aprofunde muito nas discussões em torno desses comentários de Kardec. Porém, Perri de Carvalho (2018) chega a mesma conclusão do presente estudo sobre a importância do *acordo* com os fundamentos da DE como base para a “união” entre os espíritas. Em suas palavras:

Depois de vivenciarmos várias experiências por mais de cinco décadas de movimento espírita, reforçamos nosso ponto de vista de que as Obras Básicas de Allan Kardec devem ser o **referencial** para as práticas espíritas e a base para os acordos de união. (Grifos meus).

Isso mostra que as ideias estão convergindo para o que é mais fundamental em termos de união espírita. No capítulo final, Perri de Carvalho (2018) faz importantes reflexões sobre as práticas atuais do movimento espírita e analisa os riscos de desvio que ocorreram no cristianismo e podem ocorrer com o espiritismo.

No final da subseção II.3, foi reproduzido um trecho do item 32 do cap. XVII de *A Gênese*, no qual Kardec afirma que: “*as religiões [...] terão que fazer concessões e sacrifícios*” para se atingir a unificação. Perri de Carvalho (2018), no último capítulo de sua obra, apresenta uma lista de importantes reflexões sobre questões e atividades que o movimento espírita deverá se preparar para *fazer concessões e sacrifícios* se deseja, de fato, realizar a “unificação” como, genuinamente, é proposto por Kardec.

Embora o objetivo maior do espiritismo, incluindo o processo de “união”, seja desenvolver cada vez mais o amor e a fraternidade, a presente proposta de “unificação” não tem como base sentimentos que, como seres imperfeitos que somos, ainda não possuímos. Sejamos realistas. Se esperarmos que os adeptos espíritas se tornem elevados em amor e fraternidade, a desejada “unificação” vai esperar ainda muitas gerações. Em vista desse fato, enfatizo que uma proposta de “unificação” que seja efetiva deve se basear na razão, isto é, no entendimento racional da importância de cada pessoa, grupo ou instituição espírita trabalhar a “unificação” com base e em torno dos fundamentos da DE. Quando se associa a questão da “união” entre os espíritas ao caráter moral



dos grupos, ou à questão da *autoridade moral* de pessoas, grupos ou instituições, como cada um se considera moralmente elevado, e cada grupo se considera detentor da melhor orientação para a prática do espiritismo (incluindo considerar como bons e certos seus “*dogmas particulares*”), há uma tendência natural a desejar propor, com a melhor das intenções, em uma reunião de pessoas ou instituições, o seu pensamento, o seu modo de pensar, ou o seu “*dogma particular*”. Como nem sempre o que um considera o melhor coincide com o melhor do outro, não haverá acordo nem trabalho efetivamente em comum. Kardec destaca essa dificuldade nas religiões quando menciona sobre as dificuldades de se atingir uma religião única. Abaixo, é repetido um trecho do que já foi citado na subseção II.3:

Difícil parecerá isso, tendo em vista as diferenças que existem entre as religiões, [...]. Todas querem a unidade, mas **cada uma se lisonjeia de que essa unidade se fará a seu proveito** e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão em suas crenças. Kardec (2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*, grifos meus).

Em negrito, foi destacado o que não pode acontecer no movimento espírita: cada pessoa, grupo ou instituição “*se lisonjear*”, achar que detém a verdade melhor que os demais, a ponto de desejar que ela é quem deve ditar o que a coletividade deve ou não fazer no movimento espírita. Em baseando a “unificação” dos espíritos nos fundamentos da DE, todos entenderão que as atividades plenamente justificadas na DE, serão de fácil entendimento, pois que, como dito antes, todos que se dizem espíritos, devem estudar e conhecer a DE. Relembro aqui a [Ressalva 2](#)) do plano de organização de Kardec sobre a autoridade da comissão central: “*Essa autoridade será, em matéria de Espiritismo, o que é a de uma academia, em matéria de Ciência.*” Vejam que é Kardec quem deixa claro que a autoridade da comissão **não deve** ser baseada em aspecto moral dos membros da comissão, mas no aspecto racional e intelectual em torno dos fundamentos da DE de uma forma similar ao que ocorre, justamente, nos meios científicos e acadêmicos como apresentado neste artigo. Ninguém é melhor moralmente que ninguém por aceitar fazer parte da grande família espírita, já que o entendimento da importância disso é acessível a todos. Uma pessoa, grupo ou instituição espírita se torna adesa a um conselho ou órgão de “unificação” não por ser moralmente elevada, mas por compreender racionalmente que a “união”, de fato, se dá em torno de *pontos em comum* que, no caso espírita, são os fundamentos da DE. Esse pensamento une as pessoas, atrai e une os diferentes, e não julga nem compara moralmente os diversos grupos.

V CONCLUSÕES

Neste artigo, foram apresentadas as preocupações, sugestões e soluções de Kardec para “*assegurar-se, no futuro, a unidade*” do espiritismo (Kardec, 1868). Destacou-se as três principais condições propostas por

Kardec para isso ocorrer, incluindo sua proposta da gestão do espiritismo ser feita por uma comissão central formada por 12 pessoas. Além disso, as ressalvas em torno da autoridade desta comissão foram apresentadas conforme pensamento de Kardec. Foi, também, apresentada a forma como a Ciência trabalha sua diversidade de estudos e pesquisas de modo unido ou unificado. A partir dessas duas descrições, foi discutido e apresentado um esboço de sugestão de proposta de “unificação” dos adeptos espíritos.

Itens como a importância da *qualidade* ao invés de *quantidade* de pessoas ou grupos “unificados”, e o processo de “unificação” ocorrer com base no *acordo* dos participantes em torno dos fundamentos da DE, foram também apresentadas com forte embasamento em Kardec.

Dessa forma, foi demonstrado com base em Kardec e na Ciência que o modelo ideal de “unificação” não pode ocorrer com base em eventos, documentos ou outros atos exteriores. Que o processo de “unificação” é dinâmico e natural, pois se baseia na percepção dos próprios adeptos da seriedade do *acordo* em torno dos *pontos de contato*. Os *pontos de contato* ou *de união* não podem centralizar-se em uma pessoa, grupo, instituição ou órgão de “unificação”. O órgão apenas gerencia e materializa as ações que as pessoas ou instituições espíritas “unificadas” desejam realizar juntas. É preciso ficar bem claro que o foco da “unificação” espírita será, pois, o *acordo* ou *concordância* com os fundamentos da DE e que a união se dá em torno dos mesmos e não em torno de alguma pessoa, instituição ou órgão.

Na atualidade, o movimento espírita está muito dividido. Há grupos que tem afinidades com determinadas instituições, médiuns e/ou autores espirituais. Há os que são avessos a instituições. Enquanto alguns consideram que o aspecto religioso do espiritismo é o mais importante, outros pregam os aspectos científico e filosófico como os únicos necessários. Há grupos que consideram que todo o conteúdo de obras mediúnicas recebidas por médiuns como Francisco C. Xavier e outros, são verdades espíritas fundamentais, avanços prontos e definitivos do conhecimento espírita. Entretanto, há outros que não reconhecem nessas obras, em parte ou em todo, a devida coerência doutrinária. Há quem sugere rejeitar toda a obra desses autores por causa de algumas discordâncias entre os conteúdos dos mesmos e a DE. Há, também, uma parcela de espíritos que simpatizam com práticas ditas *estranhas*, isto é, que adotam práticas, exercícios ou conceitos de outras doutrinas, mesmo sabendo que eles não têm respaldo ou justificativa espíritos.

Diante de uma diversidade tão grande de adeptos espíritos, como “unir” sob um mesmo estandarte grupos tão diferentes e aparentemente tão opostos? Se a “união” ou “unificação” ocorrer em torno de uma pessoa, grupo, conselho, órgão ou instituição, certamente que os grupos que não os reconhecem e aceitam não concordarão em fazer parte ou contribuir com o processo de “unificação”. Mas se a “união” ou “unificação” ocorrer em torno daquilo que todos os adeptos espíritos tem em comum e



sabem que é genuinamente espírita, quais sejam os fundamentos da DE conforme contidos nas obras de Kardec, há uma chance dos grupos aceitarem fazer parte do processo. Se o processo de “unificação” for baseado na razão em torno de *pontos em comum* da DE e não na autoridade moral dos grupos, há uma maior chance dos diferentes grupos aceitarem fazer parte do processo. Uma proposta de “unificação” assim, acolhe a todos sem desprezar o livre-arbítrio e o direito de livre-pensamento de cada pessoa ou grupo.

Para isso, é necessário que as comissões, conselhos, órgãos ou instituições que venham a administrar o processo de “unificação”, sigam a risca o *acordo* de trabalhar projetos, estudos, cursos e quaisquer atividades com base **apenas** nos fundamentos da DE. Num primeiro momento, grupos que apreciam conceitos de um ou outro autor em particular, poderão estranhar, mas na medida que perceberem que os órgãos de “unificação” trabalham de modo sério em torno **apenas** dos fundamentos da DE, esses e outros grupos se aproximarão. Quando perceberem que não serão criticados por apreciarem conceitos de outros autores ou “*dogmas particulares*”, eles desejarão fazer parte da família espírita. Quando perceberem que podem usufruir do estudo dos fundamentos da DE, desejarão fazer parte da família espírita. A seriedade do trabalho será algo como “um cartão de visitas” que atrairá para a “união”, cada vez mais grupos espíritas. Quando os grupos distintos perceberem que a “unificação” não exige deles mais que a *concordância* com os fundamentos da DE, que não exige que eles mudem suas crenças pessoais (os “*dogmas particulares*” segundo Kardec (2021, item 32 do cap. XVII de *A Gênese*), que serão respeitados mesmo possuindo-os, que a única exigência é não utilizar-se deles nas atividades em comum, eles se aproximarão e se unirão.

Esse nos parece ser o ideal de “união” e “unificação” que Kardec esperava ocorrer e que a Ciência já realiza, mostrando que dá certo. E dará certo desde que o *acordo* aos fundamentos da DE seja sincero em todas as partes envolvidas. Espero que esse estudo traga ao movimento espírita novas reflexões e o estimule-o a desenvolver coragem em mudar o que for preciso para a realização do ideal de “unificação” espírita.

REFERÊNCIAS

- ARRIBA, C. G. 2017 “Espíritas de todo o Brasil, uni-vos! Meandros da unificação espírita na primeira metade do século XX”, *Religião e Sociedade* **37**, p. 150. DOI: [10.1590/0100-85872017v37n3cap06](https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap06).
- BORGES, J. 2020. “Pacto Áureo”, site da Federação Espírita Brasileira: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/07/22/pacto-aureo/>, acessado em 19-01-2023.
- CHIBENI, S. S. 1988a. “A Excelência Metodológica do Espiritismo – I”, *Reformador* **1916**, novembro, p. 328.
- . 1988b. “A Excelência Metodológica do Espiritismo – II”, *Reformador* **1917**, dezembro, p. 373.
- . 1994. “O paradigma espírita”, *Reformador* **1983**, junho, p. 176.
- . 2004. “O que é ciência?”, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Link de acesso: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>. Acessado em 24-01-2023.
- DA FONSECA, A. F. 2016. “A pesquisa no Movimento Espírita: analogias com a Engenharia e a Medicina”, *Jornal Espírita Avançada* **514**, p. 5.
- . 2022. “Kardec, o MAPP e a “inteligência perfeita daquilo que se deve crer””, *Jornal de Estudos Espíritas* **10**, 010101. DOI: [10.22568/jee.v10.artn.010101](https://doi.org/10.22568/jee.v10.artn.010101).
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. 2019. “Pacto Áureo”, site da Federação Espírita Brasileira: https://febnet.org.br/febtvsite/pacto_aureo/, acessado em 19-01-2023.
- GOODMAN, S. N., BERLIN, J., FLETCHER, S. W. and FLETCHER, R. H. 1994. “Manuscript Quality before and after Peer Review and Editing at *Annals of Internal Medicine*”, *Ann Intern Med.* **121**, 11. DOI: [10.7326/0003-4819-121-1-199407010-00003](https://doi.org/10.7326/0003-4819-121-1-199407010-00003).
- KARDEC, A. 1859. “Boletim DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **dezembro**, p. 515. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1862. “Princípio Vital das Sociedades Espíritas”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **junho**, p. 259. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1866. “Os Tempos são Chegados”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **outubro**, p. 385. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1868. “Constituição Transitória do Espiritismo”, *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos* **dezembro**, p. 504. Edição FEB, tradução de Evandro N. Bezerra.
- . 1996. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Ed. FEB, 112ª Edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 2000. *O Céu e o Inferno*. Editora FEB, 45ª edição, Rio de Janeiro, RJ.
- . 2021. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. USE. Kindle Edition.
- KUHN, T. S. 1996. *The Structure of Scientific Revolutions*. 3rd ed. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- LAKATOS, I. 1980. *The Methodology of Scientific Research Programmes: Philosophical Papers* Volume 1. Ed. por John Worrall and Gregory Currie. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAUDAN, L. 1978. *Progress and Its Problems: Towards a Theory of Scientific Growth*, Berkeley: University of California Press.
- MILANI, M. 2018. “Coerência doutrinária Compromisso de todos nós”, *Dirigente Espírita* **167**, p. 8, link de acesso: https://usesp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Dirig167_v.pdf. Acessado em 23-01-2023.
- PERRI DE CARVALHO, A. C. 2010. “Chico Xavier e o ideal de União”, *Reformador* **2171**, p. 14.
- . 2018. *União dos espíritas, para onde vamos?* Editora EME, Capivari.
- RIBEIRO JR. A. 2022. *A Obra Esquecida de Angeli Torteroli, O Espiritismo No Brasil e em Portugal*. Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM), São Paulo.
- SILER, K., LEE, K. and BERO, L. 2014. “Measuring the effectiveness of scientific gatekeeping”, *PNAS* **112**, 360. DOI: [10.1073/pnas.1418218112](https://doi.org/10.1073/pnas.1418218112).
- XAVIER, F. C. 1975. Pelo Espírito de Bezerra de Menezes, “Unificação”, *Reformador* **2171**, dezembro, p. 275.



TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

Spiritist unification according to Kardec, the unification model of Science and a proposal for unification of the spiritist movement.

Abstract: The union between spiritists is a necessary condition for the growth, progress and dissemination of spiritism. Concerns about how to unite or unify the spiritist movement were present (and still are) in the spiritist minds as one of the most important goals to accomplish. In fact, at his time, Kardec was concerned with the union of the spiritists and the future of spiritism. In Brazil, where spiritism has flourished and firmly established over the past century, several efforts to the union or unification of spiritists happened, and yet it has not been fully accomplished. In view of the importance of the union amongst all spiritist adepts, this article proposes to analyze the issue from two aspects not yet explored by the spiritist movement. First, I review Kardec's proposal for the future of spiritism, highlighting relevant points to the implementation of the unification of the spiritist adepts. Second, in view of Kardec's suggestion for the administration of spiritism to happen in a way similar to what Science does, the particular way how scientists are unified is here described and analyzed. Then, I present an outline of a spiritist unification proposal, based on Kardec and Science, for the reflection and use in future attempts to unify the spiritist movement. Based on Kardec's proposals, the present study discusses two very important issues regarding the theme: i) the importance of having the so-called *doctrinal coherence* in every spiritist activity; and ii) the importance of supporting the quality of *doctrinal coherence* versus the number of institutions adhering to the unification process. I show, also based on Kardec, that the proposal of union or unification should not occur based on moral aspects and qualities of persons, groups or institutions, but that the authority of the unifying body of spiritist movement must be, as Kardec stated, "*in matters of Spiritism, what is that of an academy, in terms of Science*".

Keywords: Union; unification; unity of spiritism; principles of spiritist doctrine; Science.
